



AVE AZUL. REVISTA DE ARTE E CRÍTICA – Publicou-se em **Viseu**, durante os anos de **1899 e 1900**, sob a direcção do casal **Carlos Lemos**¹ e **Beatriz Pinheiro**² que, tudo indica, eram também os proprietários. De periodicidade **mensal**, cada número apresenta uma média de 48 páginas, numeradas de forma contínua. Teve duas séries de 12 números, embora algumas edições correspondam a números duplos. Também publicou alguns “suplementos” ou extra-textos (com numeração própria), mas, na colecção Hemeroteca Municipal de Lisboa, apenas estão presentes três: «Flores Garretianas» – uma homenagem da *Ave Azul* a Almeida Garrett, por ocasião do centenário do nascimento do autor, que inclui textos de diversa natureza da autoria do evocado – terá sido incluído no n.º 2, da 1.ª série; «Camões e os novos poetas portugueses» – reproduz a conferência que o escritor napolitano Antonio Padula³ apresentou por ocasião do ‘III Sarau Litterario-musical’, realizado em Nápoles, a Maio de 1896 – foi distribuído com os n.ºs 10 e 11, da 1.ª série; «Georgica» – uma longa composição poética de Carlos de Lemos, seguida da sua tradução para italiano – que foi publicada com o n.º 5, da 1.ª série, ou com o número seguinte. Há ainda referência à publicação de uns «Serões Posthumos»⁴ e do Programa e Estatutos da Liga Portuguesa da Paz⁵, mas outros houve certamente.

¹ Pseudónimo de António Cardoso de Lemos (1867-1954), natural de Tarouca. Formado em Direito pela Universidade de Coimbra, foi durante muitos anos professor de liceu. Carreira que começou por exercer na província, mas terminou em Lisboa, no Liceu Passos Manuel. O gosto pelas letras levou-o para a poesia, que publicou sob a forma de livro e, sobretudo, na imprensa. Também se dedicou à crítica literária e ao ensaio. Politicamente, dizem-no republicano convicto, mas na *Ave Azul* revela-se, fundamentalmente, um humanista, homem de ampla visão, consciente das limitações do seu tempo, mas crente no futuro.

² Beatriz da Conceição Pais Pinheiro de Lemos (1872-1922) nasceu em Viseu. Começou a publicar na revista académica *A Mocidade*, quando ainda era estudante de liceu. Seguiu a carreira de professora do ensino primário, mas nunca deixou de cultivar as letras, particularmente a poesia. Grande parte da sua produção literária está publicada na *Ave Azul*. O seu interesse pelos problemas da educação e do ensino, a par dos respeitantes à condição feminina, também vêm do tempo de estudante. Terá sido por essa altura que se aproximou dos republicanos, fazendo-se uma propagandista notada. Colaborou com muito periódicos, como: *A Beira*; *Nova Aurora*; *Almanach das Senhoras*; *A Crónica*; e *Alma Feminina*. Teve também uma ampla participação no movimento associativo, nomeadamente: Liga Portuguesa da Paz; União de Senhoras Liberais de Viseu, a que presidiu; Grupo Português de Estudos Femininos; Liga Republicana das Mulheres Portuguesas; Associação de Propaganda Feminista. Fundou a Escola Liberal João de Deus, cuja acção era dirigida para as raparigas de poucos recursos económicos. Também foi iniciada na maçonaria, mas já depois de implantada a República. Faleceu em Lisboa.

³ Carlos de Lemos refere-se a este autor italiano, apresentando-o aos leitores, na «Chronica» que redigiu para o n.º 12, da 1.ª série.

⁴ Cf. *Ave Azul*, Série 1.ª, fascículo n.º 5 (Maio 1899), p. 224.

⁵ Cf. *Ave Azul*, Série 1.ª, fascículo n.º 12 (15 Dezembro 1899), p. 569.



Não tem **publicidade**, o que significa que, financeiramente, a publicação era suportada pelas assinaturas recolhidas previamente e, caso isso não fosse o bastante, pela bolsa dos seus proprietários/directores. O primeiro artigo publicado na *Ave Azul* contém alguma informação sobre esta questão. Leia-se então a *Ave*, regozijando-se com a boa receptividade ao projecto editorial: «Forte das sympathias – que ella fará por tornar merecidas – d’esse pequenino mas dedicado publico (pequenino, mas muito superior á nossa expectativa...) formado pelas pessoas que ou nos enviaram o seu nome ou nos não devolveram a nossa circular, e que, por tal motivo, foram considerados nossos assignantes, a *Ave-Azul* abre as asas, confiadamente [...]»⁶. É um testemunho bastante elucidativo sobre uma das estratégias a que se recorria para garantir a sustentabilidade de um novo título – uma estratégia abusiva, consideraríamos nós hoje, mas na época comum. Sobre as tiragens e os preços praticados, e quanto aos canais de distribuição que utilizava, infelizmente, não temos informação⁷. De qualquer forma, como aquele editorial refere, tratava-se de um «pequenino» público, que a simples observação da publicação permite caracterizar como bastante culto, poliglota (uma vez que a revista publica textos em língua francesa e na italiana), moderno ou, pelo menos, tolerante para com ideias novas; um perfil que, socialmente, se identifica com o da média/alta burguesia.

Mas terá sido com o **programa** esboçado, em negativo, naquele primeiro artigo que a *Ave Azul* conquistou esse público? «Não vem, como é da praxe dizer-se, preencher uma lacuna, porque, se em Vizeu até hoje não havia uma revista litteraria, algumas, se bem que poucas, se publicam em Portugal»; «Não traz no seu programma uma nova theoria de arte por cuja propaganda venha terçar armas: e, que a trouxesse, não fora isso razão que justicasse nem sequer que explicasse a sua entrada na arena, porquanto de theorias e de escolas há que farte, infelizmente, os mais exigentes de novidades e...de excentricidades também.» É duvidoso que a *Ave Azul* se tenha feito anunciar com uma “carta de apresentação” tão falha de brilho. A referida «circular» teria necessariamente de conter argumentos mais aliciantes: secções interessantes ou polémicas; a promessa de colaborações prestigiadas; etc. Assim o parece confirmar quando se esclarece, ainda no mesmo artigo, que, além do espaço destinado à divulgação da poesia, da prosa e à critica, «Todas as demais secções, annunciadas no prospecto, serão meramente noticiosas mas apenas relativas a *Artes e Letras*»⁸.

Depreende-se também a presença de uma preocupação em clarificar a natureza da publicação, vincando que «a *Ave-Azul* é, pura e simplesmente uma revista de arte e critica: mais nada.»⁹ – a afirmação repete-se, sugerindo que

⁶ Cf. *Ave Azul*, Série 1.ª, fascículo n.º 1 (15 Janeiro 1899), p. 3.

⁷ Provavelmente o preçário estava impresso na capilha em papel de cor que cobria cada fascículo, mas nenhum dos que integra a colecção da Hemeroteca Municipal de Lisboa a possui.

⁸ Cf. *Ave Azul*, *ibidem*, pp. 1-3.

⁹ *Ibidem*, p. 5.



algo presente na «circular» inquietara o público e motivara aquele esclarecimento no primeiro artigo publicado.¹⁰ Mas a inexistência do documento não possibilita uma resposta conclusiva.

De qualquer forma, está implícita no artigo a ideia da *Ave Azul* como uma espécie de antídoto contra a decadência moral, origem de tantos males que, na sua percepção, marcavam o presente. Era uma visão ou simplesmente um sentir comum naquele final de século, sobretudo em Portugal, mas também por toda a Europa. Aqui vivia-se ainda sob o efeito do sobressalto do *Ultimatum* inglês, procurando soluções para resgatar essa má memória e reencontrar a grandeza que o tempo desgastara. O apelo da pátria enferma também ecoou pelo campo literário. Poetas e prosadores imediatamente se entregaram à missão de revigorar a pátria pela palavra, inspirando-a ora com belos quadros evocativos do passado, ora com arrojadas projecções do futuro. É essa ânsia criativa que se encontra reflectida na *Ave Azul*.

A revista conseguiu chamar às suas páginas a colaboração de autores de relevo, muitos deles representantes das correntes literárias mais vanguardistas, e projectar a cidade de Viseu para lá das fronteiras do país. Um vigor que ficou a dever-se ao esforço dos directores da *Ave Azul* e à sua aposta na aproximação entre as chamadas “Letras latinas” – sobretudo, com a Itália e a França –, do que resultou um interessante intercâmbio de autores. Para alguns terá representado a oportunidade de verem as suas obras traduzidas e divulgadas junto de novas comunidades de leitores. Há também notícia de uma regular troca de edições, sobretudo de revistas literárias, permitindo o mútuo acompanhamento e uma constante actualização; e, certamente, o estreitamento das relações profissionais e de amizade entre os autores, críticos, editores e outros agentes do mundo das letras. É, de facto, um movimento surpreendente – se considerarmos o tempo, final do século XIX, e o espaço, a cidade de Viseu, que fazem a moldura da *Ave Azul*. É também um testemunho da avançada concepção que Carlos de Lemos e Beatriz Pinheiro partilhavam sobre a missão de uma revista de índole literária.

Mais de três dezenas de **autores colaboraram com a *Ave Azul***, ao longo das suas duas edições. Desse extenso rol, no qual se incluem poetas e poetisas, contistas, romancistas, publicistas e ensaístas, destaca-se: Ribeiro de Carvalho (1.^a s. n.º 3 e 6; 2.^a s. n.º 1-2), Xavier de Carvalho (1.^a s. n.º 4 e 12), Eugénio de Castro (1.^a s. n.º 2, 3 e 8; 2.^a s. n.º 3 e 6), Jayme Cyrne (1.^a s. n.º 3 e 12; 2.^a s. n.º 1-2), Amélia Janny (1.^a s., n.º 5), Manuel da Silva Gayo (1.^a s. n.º 2, 3 e 11; 2.^a s. n.º 12), Sanches da Gama (1.^a s. n.º 6; 2.^a s. n.º 2, 12), Delfim Guimarães (1.^a s. n.º 3 e 4), Campos Lima (1.^a s. n.º 3 e 4; 2.^a s. n.º 5), Carlos de Mesquita (1.^a s. n.º 2 e 5; 2.^a s., n.º 10-11), Florencia de Moraes (1.^a s., n.º 5; 2.^a s. n.º 3 e 10-11), Severo Portella (1.^a s. n.º 11; 2.^a s. n.º 1-2 e 6), José Agostinho d’Oliveira (1.^a s., n.º 3, 6, 10 e 12; 2.^a s., n.º 1-2 e 5), António Correia d’Oliveira

¹⁰ Serão ainda prestados mais esclarecimentos sobre a natureza da publicação na «Chronica» do n.º 3, em resposta às críticas que lhe foram dirigidas. Nesse artigo, a *Ave Azul* assume uma postura mais enérgica e interveniente: «se a luta é profícua, se a sua causa é justa, se o seu fim é o progresso, toma parte nella, sem medo de crestar as asas».



(1.^a s., n.º 3 e 5; 2.^a s., n.º 6 e 10-11), Lopes d'Oliveira (2.^a s., n.º 1-2), Paulino d'Oliveira (1.^a s., n.º 3; 2.^a s., n.º 8-9), Ana de Castro Osório (1.^a s., n.º 2 e 3; 2.^a s., n.º 6), Camilo Pessanha (1.^a s., n.º 6), Sofia da Silva (1.^a s., n.º 5; 2.^a s., n.º 8-9), Fausto Guedes Teixeira (1.^a s., n.º 1, 3, 7 e 11), Maria Velleda (2.^a s., n.º 3 e 4; 2.^a s., n.º 5 e 8-9), Afonso Lopes Vieira (1.^a s., n.º 2 e 8; 2.^a s., n.º 6, 8-9, 10-11 e 12). Carlos Lemos e Beatriz Pinheiro, os dois directores da *Ave Azul*, também publicaram muitos textos, de diversa natureza, em todos os números da revista. Entre os autores estrangeiros que colaboraram com a *Ave Azul* figuram: D. Rafael Altamira, Thommazo Cannizaro, Lebesgue Phileas, Marc Legand e Ary René d'Yvermonte.

A par do interesse pelas Letras, a *Ave Azul* fez eco da **causa da emancipação de mulher**. A aparente disparidade de interesses da publicação nada tem de inesperado ou inédito. Desde meados do século XIX, que um número crescente de mulheres vinha reflectindo sobre a condição feminina, tomando consciência da sua menoridade legal, social e política, relacionando-a com a falta de instrução e a dependência económica. Foi entre as mulheres mais instruídas e, portanto, inseridas nas classes mais abastadas, que o movimento desabrochou.

Na Literatura elas encontraram o espaço para provocar os primeiros abalos na arquitectura social, pondo em causa a ideia da superioridade intelectual do homem. Pela palavra os géneros equiparavam-se – como continuar a negar essa evidência? Como escritoras, particularmente quando redigiam para o público infantil, reinventavam o mundo, modelando-o sob os critérios da igualdade entre os géneros, a amizade, a fraternidade e muitos outros valores humanitários. Cuidavam, assim, da mudança profunda das mentalidades e dos paradigmas que as vinham espartilhando. No plano imediato, através da imprensa e do envolvimento no movimento associativo, as mulheres vão adquirindo capacidade de intervenção social e política. Denunciam problemas especificamente femininos e reivindicam a sua solução, mas também trazem para o debate político geral novas perspectivas e abordagens, enriquecendo-o.

A *Ave Azul* abre uma nesga sobre esse longo combate, praticamente subterrâneo, sem aparatos, nem violência, que elas conduziram com determinação, contando com o apoio de alguns homens de espírito mais aberto. A revista *per si*, enquanto projecto editorial co-dirigido por um homem e uma mulher, em pé de igualdade, quis ser uma representação viva das ideias que defendia. Note-se que na época não era comum as mulheres assumirem funções de direcção, nem mesmo em periódicos. A *Ave Azul* foi, portanto, pioneira. Repare-se também que Beatriz Pinheiro, embora esteja casada com Carlos de Lemos, não assume o nome do marido – o que foi, certamente, uma opção reflectida e voluntária, tomada com o objectivo de deixar bem vincada a sua identidade autónoma e livre.¹¹ À margem desses sinais subliminares e outras ténues pinceladas, inicialmente não há nada na *Ave Azul* que a

¹¹ Com o casal Paulino d' Oliveira e Ana Castro Osório, por sinal colaboradores da *Ave Azul*, verifica-se o mesmo.



relacione com o movimento feminista. No entanto, numa entrevista concedida ao diário republicano *Vanguarda*, em Junho de 1900, Beatriz Pinheiro afirma categoricamente que «o propósito estava tomado desde o começo: nos prospectos da revista já se fazia a promessa de artigos sobre a questão»¹² – estaria aqui a origem da suposta celeuma suscitada pela «circular», a que nos referimos no início?

A revista só se revelará, abertamente, a partir do oitavo número, da primeira série.¹³ A partir de então, o assunto tornou-se recorrente, sendo tratado em artigos de grande veemência da autoria de ambos os directores, e das colaboradoras **Maria Veleda**¹⁴ e **Ana de Castro Osório**¹⁵. Por configurar uma polémica sobre o feminismo, que Carlos de Lemos procurou sustentar com um homem da Igreja, chamamos a atenção para o artigo «A emancipação da mulher (Analyse critica d'um artigo do Rev.º Padre Senna Freitas)», publicado no n.º 10 (1.ª série), da *Ave Azul*. A celeuma teve continuidade no número seguinte (11) e ter-se-á propagado a outros periódicos. Por último, faz-se referência à visibilidade que a **Liga Portuguesa da Paz**¹⁶ tem na *Ave Azul*, pelo final do ano de 1899 e início do ano seguinte. Foi por essa altura que Beatriz Pinheiro e Carlos Lemos se fizeram sócios da Liga e esta nomeou-os seus correspondentes em Viseu.¹⁷

Graficamente é uma publicação pobre, mas apresenta um conjunto de secções estável e de fácil identificação pelo leitor, nomeadamente: «Chronica;

¹² Cf. «O feminismo. Entrevista com a distinta escriptora sr.ª D. Beatriz Pinheiro», in *Vanguarda*, 5.º anno (decimo), n.º 1:272 (3:220) (2 Junho 1900), p. 1.

¹³ Cf. «Chronica», assinada por Beatriz Pinheiro, na primeira página do n.º 8.

¹⁴ Pseudónimo de Maria Carolina Frederico Crispin (1871-1955) que nasceu em Faro. Por força do falecimento do pai, começou a trabalhar cedo, primeiro como explicadora e, pouco tempo depois, como professora. A sua orfandade precoce e o contacto com o universo infantil despertaram-na para o problema das crianças e das mulheres. Empenhar-se-á profundamente na luta pelos seus direitos. Já em Lisboa, a partir de 1905, em simultâneo com a sua actividade como professora, fez-se colaboradora da imprensa. Tem artigos publicados em várias publicações: *Ave Azul*, *Diário Ilustrado*, *A Madrugada*, *A mulher e a criança*, *A Pátria*, *O Repórter*, *República*, *O Século*, *Tradição*, *Vanguarda*, entre outros. Envolver-se-á também com o movimento republicano e com a maçonaria. Dirigiu centros escolares republicanos e a Liga Republicana das Mulheres Portuguesas. Foi a grande impulsionadora da *Obra Maternal*, uma instituição de apoio à criança, especialmente centrada nos problemas da mendicidade e na exploração do trabalho infantil.

¹⁵ Natural de Mangualde, Ana de Castro Osório (1872-1935) é tida como fundadora da literatura infantil em Portugal: reinventou contos populares portugueses, escreveu histórias originais e fez inúmeras traduções da literatura clássica infantil. Também publicou ensaios e estudos sobre a educação da criança e a condição feminina. Envolveu-se com o movimento republicano, empenhando-se na implantação da República. Teve uma ampla intervenção social através do movimento associativo de índole feminista, nomeadamente o Grupo Português de Estudos Feministas e a Liga Republicana das Mulheres Portuguesas. Depois de 1910, ainda integrou a Associação de Propaganda Feminista e a Comissão Feminina 'Pela Pátria', da qual se formou a Cruzada das Mulheres Portuguesas. Colaborou com o primeiro governo provisório da República na elaboração da Lei do Divórcio. Morreu em Lisboa a 23 de Março de 1935.

¹⁶ Constitui-se em Lisboa, no dia 18 de Maio de 1899, sendo presidida por Alice Pestana. Magalhães de Lima assumiu a vice-presidência.

¹⁷ Cf. *Ave Azul*, Série 1.ª, fascículo n.º 12 (15 Dezembro 1899), pp. 569-570.



«Salla de Visitas», «Carteira da Ave Azul»; «Portugal La Fora»; «Revista das Revistas»; «Registo Biographico», entre outras.

Rita Correia
(26/03/2011)

Bibliografia:

Dicionário Cronológico de Autores Portugueses. Mem-Martins: Publicações Europa-América, 1991, vol. III, ISBN 972-1-03185-2.

Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira. Lisboa-Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Limitada, s.d.

Dicionário de Literatura, dir. Jacinto Prado Coelho. Porto: Figueirinhas, 1987, vols. I e II.

DUARTE, Cristina L. - «Beatriz». In *Cidade das Mulheres*, 29 Mar. 2009 [Em linha] [Consult. 3.Mar. 2011]. Disponível em WWW:<URL:http://acidadedasmulheres.blogspot.com/2009_10_01_archive.html>.

ESTEVES, João – «Os Primórdios do Feminismo em Portugal: 1.ª década do século XX». In *Penélope*, n.º 25, 2001, pp. 87-112.

Idem – «Dos Salões Literários ao Associativismo pacifista, feminista, maçónico, republicano e socialista» [Em linha]. Comunicação apresentada no *Colóquio Internacional Em Busca da História das Mulheres*, 4.º Encontro da APIHM, Vila Nova de Gaia, Maio de 2001. [Consult. 3 Mar. 2011]. Disponível em WWW:<URL:<http://lagosdarepublica.wikidot.com/associativismopacifista>>.

PIRES, Daniel – *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do Século XX*. Lisboa: Grifo, 1996. ISBN 972-8178-08-5.

SILVA, Regina Tavares da – «História no Feminino: os Movimentos Feministas em Portugal». In *História de Portugal*, dir. João Medina. Amadora: Ediclube, s.d., vol. XV (Adenda, bibliografia e índices), pp. 283-297. ISBN 972-719-058-8.

Vanguarda, 5.º anno (decimo), n.º 1:272, de 2 de Junho de 1900, p. 1. [Em linha]. [Consult. 3 Mar. 2011]. Disponível em WWW:<URL:<http://purl.pt/index/per/title/PT/M.html>>.